



**REENCONTRANDO A CRIANÇA DO/A ESTUDANTE DE PEDAGOGIA:** quais são as memórias, materialidades e vestígios das infâncias que guardamos?

**Ana Maria dos Santos**  
(CEDU/UFAL)  
(ana.maria@cedu.ufal.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Resultado de uma atividade realizada com estudantes do Curso de Pedagogia, este texto traz à discussão o tema da formação de professores em diálogo com as memórias e vestígios das infâncias e das crianças daqueles que se encontram em processo inicial de formação docente. Orientamos nossas análises a partir do referencial teórico-metodológico das histórias de vida, das autobiografias, das narrativas do vivido, (Josso, 2006, 2007).

De acordo com Josso (2006, p.379),

O trabalho de reconstrução de nossa história, tanto no relato oral quanto no relato escrito, provoca o aparecimento de um certo número de nós invisíveis, mas nem todos! O processo é pôr-se a caminho, nessa busca de compreensão de si, de componentes de nossa história, de tomadas de consciência do que nos move, nos interessa, nos guia, nos atrai.

Tornar-se professor deve fomentar em nós o exercício ininterrupto de resgatar a criança que fomos e olhar atentamente para a pessoa que nos tornamos, visando compreender que a pessoa do professor se constitui no movimento de ser e de sentir-se afetado pelo que Nias, citado por Nóvoa (1992, p. 25) nos revela, isto é, que “o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”.

Logo, os processos de formação inicial e continuada de professores, devem nos levar a olhar para o percurso da pessoa do professor, compreendendo-o como sujeito em permanente estado de inteireza, a partir das relações que estabelece com o outro e com os símbolos e signos, presentes no contexto sócio-histórico e cultural em que está imerso, sendo por ele afetado e nele deixando suas marcas.

De acordo com Ostetto (2012, 128) “há, no reino da prática pedagógica e da formação de professores, muito mais que um domínio teórico, competência técnica e compromisso político. Lá estão histórias de vida, crenças, valores, afetividade [...].



Interessa-nos discutir a formação inicial de professores de crianças pequenas a partir das possibilidades de reencontro com as crianças que residem vivamente em suas memórias e com as materialidades e vestígios – físicos e/ou simbólicos – que parecem ter sido deixados no período da meninice, mas ao contrário, continuam perpassando e afetando suas existências como seres relacionais e afetivos.

Por meio da atividade proposta e aqui apresentada, os participantes foram convidados a compartilhar com o a turma algo que fizesse referência às suas infâncias. O que apresentar? Objetos, imagens, sonoridades etc., não existiu nenhuma indicação ou prescrição do que deveria ser levado para a sala de aula e como deveria ser compartilhado com o grupo. Positivas ou negativas, tais referências seriam uma escolha de cada um, sendo usado como único critério o quanto aquele objeto, imagem etc., marcou a sua história e as suas memórias. Em um segundo momento, foi solicitado que o relato oral, produzido e estruturado em torno do objeto/vestígio, assumisse o formato de um registro escrito.

Evocando, assim, o pressuposto benjaminiano de que “as crianças têm interesse pelos retalhos, cacos e pedaços, reconhecem nos restos o rosto que o mundo das coisas lhes mostra [...]” (Benjamin, 1992, p. 46). Assim, por meio desse processo de escavar e de juntar os pedaços que residem em nossa consciência, relacionados, por vezes, às afinidades com objetos, sons, cheiros, sabores, cores, e fenômenos naturais, como, chuva, brisa, luares etc., ajuda-nos a reconstituir a trama da nossa história e a encontrar os fios que dão sentido à nossa existência, tecida, sobretudo, nas relações que construímos e alimentamos com os outros e com o mundo.

Enquanto os nós de nossa história tornam-se conscientes, criamos um saber existencial e um espaço físico que podem nos ajudar a realizar o que é necessário para desatar os laços que entravam nosso caminhar, criando outros laços para isso (Josso, 2006, p.379).

Ao nos debruçar sobre a leitura dos relatos, vimos a necessidade de situar as narrativas a partir de algumas categorias de análise que dialogassem com as memórias e histórias de vida, considerando que a história de cada um afeta igualmente as histórias dos outros. Desse modo, reunimos os relatos em torno de três eixos centrais e que correspondem aos blocos de fragmentos citados no decorrer desse texto: *identidade e infância, materialidades e vestígios das infâncias, professores que acolhem as crianças.*



Souza (2012 p.100), respaldada nos estudos de Bakhtin lembra que,

[...] a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo [...] que o autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala, ressoam na palavra do autor.

Entendemos que a formação de professores de crianças deve contemplar além dos conhecimentos teórico-metodológicos, as dimensões ética, estética e política, vislumbrando, no conjunto das disciplinas que compõem a grade curricular do curso de Pedagogia, experiências que levem os licenciandos a reconhecer a importância de tematizar e problematizar as suas próprias referências, sendo capaz de lançar um olhar sensível sobre eventos que afetam cada menino e menina de forma particular e que deixam marcas indeléveis na vida de cada um, como bem ilustra os fragmentos dos relatos a seguir.

O José<sup>1</sup> criança, era engraçado, divertido e corajoso. Em vários momentos me pego pensando, onde foi que eu me perdi de mim? Parece confuso, pois bem, e é muito mesmo, ao me tornar adulto cheio de responsabilidades e deveres, percebo que perdi algumas que eu chamarei de habilidades, uma delas é de se encantar com pouco e outra querer ser ouvido (Relato, José, 2024).

Minha mãe trabalhava fora e eu tinha a responsabilidade de cuidar dos meus irmãos nesse período [...] pouco tempo eu tinha para brincar, estudar e ser criança [...], porém em alguns momentos, [...] meus irmãos e eu sentávamos na calçada de casa para olhar o movimento e consumir, direto do pacote, um poquinho de suco de uva. Ficávamos a tarde quase toda olhando o movimento, conversando e comendo. Era um dos meus momentos favoritos do dia a dia (Relato, Roberta, 2024).

José parece não reconhecer mais as marcas da criança que foi um dia, identificando que no processo de tornar-se adulto, houve perdas que o afetaram e que o levam a questionar em que lugar aquele garoto foi deixado. Parece se tratar de uma indagação bastante dolorosa, inclusive por sinalizar as consequências dela advindas. O José adulto se mostra culpado por ter abandonado aquele menino, contudo, ele encontra os motivos desse abandono, ou seja, as responsabilidades que o processo de crescer o levou a assumir.

Roberta nos revela ter assumido tarefas que são do universo adulto, reconhecendo que não teve o direito de brincar e estudar, ou seja, de viver as experiências que considera específicas da infância, ela aponta que na rotina de cuidar dos irmãos, encontrava um tempo para contemplar o movimento da rua e, nessa

---

<sup>1</sup> Todos os nomes utilizados são fictícios.



contemplação, se sobressai a lembrança da degustação compartilhada com seus irmãos, de um pozinho de suco de uva.

Apesar da pouca idade, é preciso entender que, mesmo em meio às condições adversas em que as crianças se encontram, elas estão a todo momento buscando modos de driblar tais situações, portanto, precisamos, enquanto adultos, de sensibilidade para identificar as situações que afetam as crianças e suas formas de reelaborar as experiências que vivenciam, ajudando-as nesse processo tão complexo e por vezes solitário.

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida (Josso, 2007, p.415).

A abertura e disponibilidade demonstradas pelo grupo participante resultou em uma experiência coletiva e individual de grande relevância no processo de formar-se/tornar-se professor, tendo em vista a atmosfera calorosa e respeitosa como cada história foi acolhida. Regada também de tristeza, afetos, choro, saudades, risadas, abraços e diversos outros tipos de emoção e reações.

A minha relação com esse objeto (uma caixa) é que a minha infância foi toda dentro de um quadrado invisível, rodeado de tristeza, abuso e abandono (Relato, Cláudia, 2024).

O objeto que eu trouxe é uma boneca. Minha mãe precisou ir em uma dessas lojas de 1,99, [...] eu, com uns 5 anos, perguntei se ela poderia levar um brinquedo, ela disse que sim e eu imediatamente avisei meu irmão mais novo e nós dois fomos correndo escolher, vi uma boneca e logo tive interesse, voltei para perto da minha mãe com um pouco de vergonha (já havia escutado que boneca não era brinquedo de menino) e perguntei se poderia ser uma boneca, ela gentilmente disse que sim, e aquela boneca foi consumida pelo tempo e pelas brincadeiras por uma criança feliz que foi corajosa por perguntar e teve um adulto aberto para escutar e entender que a boneca sempre foi e será um BRINQUEDO (Relato, José, 2024).

Minha infância não foi marcada por um objeto específico, mas por um lugar que me trouxe muita felicidade: a casa da minha avó [...]. Para mim, aquele lugar não era apenas uma casa, era um mundo à parte onde eu podia brincar, ser criativa e deixar a imaginação correr (Relato, Leila, 2024).

Os relatos descrevem e revelam conteúdos de naturezas diversas, nos quais as crianças estão a vivenciar suas infâncias, desde denúncias de situações de abuso e de abandono, como também informam a presença de um adulto desprovido de preconceitos e que, por isso, é capaz de levar a criança a vivenciar as melhores experiências do momento presente. Além desses aspectos, é importante destacar a



memória que descreve um lugar, uma ambiência, sendo esta traduzida como o cenário ideal de dias felizes vividos na infância.

No que diz respeito ao desejo de ser professor que acolhe as crianças, os fragmentos abaixo sinalizam como futuros professores de crianças se posicionam frente ao fazer pedagógico, mais precisamente, sobre as memórias que querem imprimir nas crianças com as quais atuarão.

O que mais me motiva como educadora é a chance de ser uma das partes boas do dia dos meus alunos. Quero ser uma lembrança feliz na infância de alguém, ser a pessoa que eles associam aos momentos de alegria e descoberta. Acredito que isso faz toda a diferença na formação de quem eles se tornarão (Relato, Luiza, 2024).

Nas minhas práticas cotidianas com as crianças, pretendo levar a importância do acolhimento e da escuta ativa. Quero criar um ambiente onde elas se sintam seguras para expressar suas emoções e explorar o mundo ao seu redor (Relato, Patrícia, 2024).

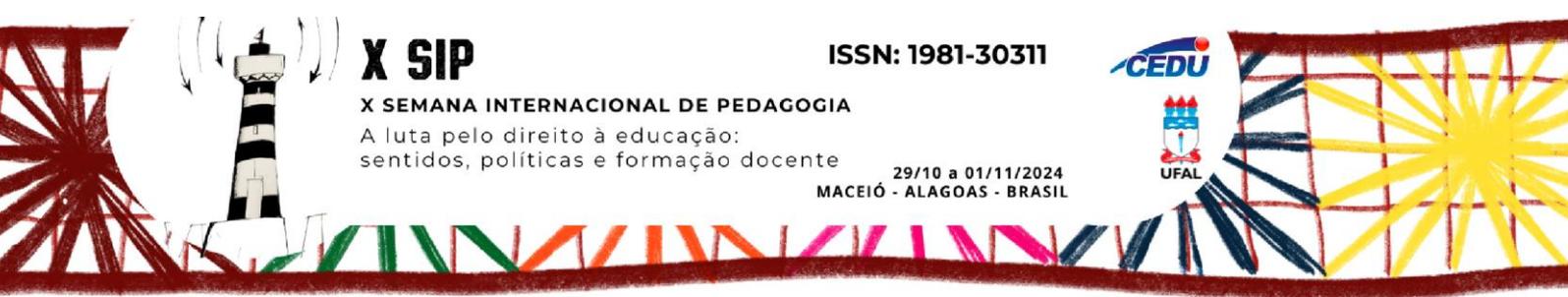
Diante do exposto, compreendemos que a universidade tem um papel fundamental de levar o estudante a se apropriar de um arcabouço teórico-prático amplo, variado, consistente e qualificado acerca do trabalho com as crianças pequenas e, desse modo, é seu papel também desconstruir discursos ainda arraigados no ideário pedagógico e imaginário coletivo de que basta ao professor possuir um dom ou certa aptidão natural para a docência nessa primeira etapa da Educação Básica no Brasil.

## **2 OBJETIVOS**

Refletir sobre a formação de professores para a Educação Infantil a partir de uma experiência de reencontro com as crianças e as infâncias de estudantes do Curso de Pedagogia.

## **3 METODOLOGIA**

A metodologia adotada se constituiu de uma experiência de relato oral e escrito por parte de estudantes do curso de Pedagogia. Para as reflexões pretendidas, recorreremos ao referencial teórico-metodológico que estuda as narrativas do vivido, as autobiografias e histórias de vida.



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que o exercício de silenciar para escutar a história do outro, de se emocionar, chorar e rir com aquilo que era relatado constitui importante processo de autoformação. A constatação que se mostrou unânime foi o desejo de assumir a docência com crianças, ser referência do adulto/professor que acolhe, fazendo a diferença na vida de meninas e meninos.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos apresentados indicam quão importantes são as marcas das experiências na infância e das relações que os adultos estabelecem com as crianças. Pessoas, espaços e objetos constituem a trama dessas experiências, instituem em cada um de nós modos de acionar e evocar diferentes sensações, sentimentos e emoções, contribuindo positiva ou negativamente para a forma como traçaremos nossos roteiros de viagem, de relações, de construção de laços, enfim, de posturas que assumiremos diante da criança com a qual nos re/encontraremos na aventura de ser professor.

#### REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura. Campinas: Summus, 1992.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. 5ª ed, Campinas, SP: Papirus, 2012, p.127-138.

SOUZA, S. e J. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin, 13ª ed., Campinas, SP: Papirus, 2012.